

DÍVIDA EXTERNA

Para Eris, não há risco

QUINTA-FEIRA, 15 DE NOVEMBRO DE 1990

de crise cambial

Presidente do BC diz que a queda nas linhas externas de curto prazo não chega a preocupar

MIRIAM LEITÃO

BRASÍLIA — As linhas de curto prazo que sustentam o comércio exterior brasileiro estão diminuindo porque os bancos credores estão usando esta arma na estratégia da negociação e o Banco Central tem, em decorrência disto, aumentado os depósitos de suas reservas em agências de bancos brasileiros no Exterior. Tudo isto, que é comentado por pessoas de fora do governo como prova de que há risco de crise cambial, é comprovado pelo presidente do Banco Central, Ibrahim Eris. Só que ele acha que este fato não é nenhuma tragédia. "O P3", diz ele, referindo-se às linhas comerciais no jargão da dívida, "não é a minha primeira, nem segunda, nem terceira preocupação".

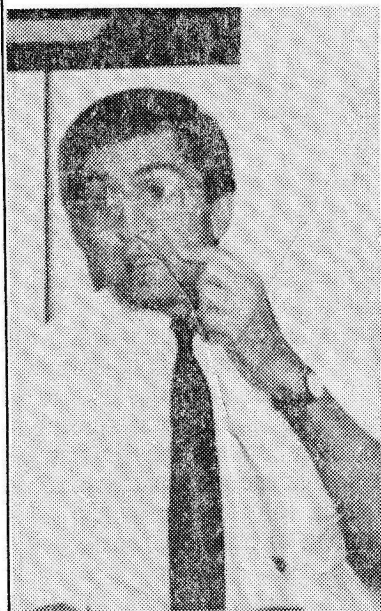
Os depósitos de reservas cambiais nos bancos brasileiros são insignificantes, segundo Eris. Ele não confirma o valor, mas garante que é pequeno e nega que ao serem depositadas nos bancos brasileiros estas reservas tornam-se indisponíveis, como disse

recentemente o ex-ministro Mário Henrique Simonsen. "Posso sacar este dinheiro quando quiser", diz Eris. Fora do governo o raciocínio é que se esses dólares estão lá para socorrer as agências bancárias não podem ser sacados sem que se acabe precipitando o fato que se queria evitar, ou seja, a quebra das instituições. "As reservas não estão lá para socorrer as agências", rebate Eris.

Ele também confirma que os bancos, para pressionar o Brasil, estão aumentando os spreads (taxa de risco que se cobra acima dos juros) e garante que isto é natural e esperado neste momento da negociação da dívida externa. Eris guarda segredo sobre qual é o volume hoje de projetos 3 e 4 (linhas comerciais e interbancárias) e explica que a conta é difícil fazer porque muitos desses créditos estão só "teoricamente" no circuito brasileiro. O diretor internacional do Banco do Brasil, Narciso Carvalho, acha que a soma das linhas é de apenas US\$ 4 bilhões, quando deveriam ser US\$ 16 bilhões. "É um bom chute", diz Eris, "mas o número correto deve ser um pouco maior".

Este fantasma, que sempre ameaçou os economistas brasileiros que acompanham a questão cambial, não amedronta Ibrahim Eris. O fato de o Banco do Brasil ter apenas 19% das suas necessidades de interbancário e financiamento comercial cobertas pelas linhas dos projetos 3 e 4 é encarado até com otimismo por Eris. "Mostra que o Banco do Brasil consegue captar recursos voluntários."

O movimento recente no mercado paralelo e a queda do saldo comercial também não preocupam Ibrahim Eris. Acha que mais notável é o ágio ter chegado a 5% do que estar hoje a 14%. A reversão na balança comercial não significa uma tendência. "O câmbio é livre e isto elevará as exportações." Em resumo: quem conversa com Ibrahim Eris sobre este tema sai com a impressão de que os bancos estrangeiros podem continuar pressionando porque o presidente do Banco Central não vai piscar primeiro.



Eris: "O P3 não é preocupação" AE